

As capacidades requeridas para as frações de reconhecimento do corpo de tropa

Gabriel Esper Neto¹
Gabriel Carlos Fagundes²

1 Introdução

Segundo a Nota Doutrinária Nr 01/2021- O Emprego do conceito IRVA, publicada na Portaria COTER/C Ex Nº 039, de 20 de Maio de 2021, a execução das ações do conceito IRVA demandam o emprego de sensores de todas as capacidades operativas disponíveis, visando à obtenção de dados necessários, em ações integradas e sincronizadas com o Processo de Integração do Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC), relacionado com o Ciclo da Inteligência e com o Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), ligado ao Ciclo das Operações.

Corroborando com o escopo do presente trabalho, a ND atesta que as Unidades de todas as naturezas, que, por sua localização ou missão, possam obter dados e informações que atendam às NI (Necessidades de Inteligência), poderão ser acionadas, em consonância com o Plano de Obtenção de Conhecimentos (POC), participando, assim, da fase de obtenção do Ciclo da Inteligência, caracterizando o emprego do conceito IRVA (grifo nosso).

Tendo por objetivo atuar como sensor de inteligência, reconhecidamente por sua doutrina, destacam-se os Pelotões de Exploradores e os Pelotões de Reconhecimento (Pel Rec) orgânicos das Organizações Militares (OM) do Exército Brasileiro (EB). Tais frações empregam Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP), bem como armamentos, aparelhos optrônicos e equipamentos de comunicações/transmissão de dados, que possibilitam ao elemento, desdobrado no terreno, ferramentas ideais para obter dados e, com oportunidade transmiti-los, visando assessorar a tomada de decisão do escalão superior.

Diante do exposto, e da necessidade de que a “ponta da linha” das grandes formações dos elementos de manobra participe do ciclo da inteligência, surge o problema que norteará a presente pesquisa: Quais as capacidades requeridas para as frações de reconhecimento do corpo de tropa?

2 Reconhecimento e vigilância

¹ Cap de Infantaria do Exército Brasileiro - Academia Militar das Agulhas Negras 2009. Mestre em Operações Militares - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Pós-graduado em Gestão de Organizações de Inteligência – Escola de Inteligência Militar do Exército. esper.gabriel@eb.mil.br

² Cap de Infantaria do Exército Brasileiro - Academia Militar das Agulhas Negras. Pós-graduado em Operações Militares - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Pós-graduado em Gestão de Organizações de Inteligência – Escola de Inteligência Militar do Exército. fagundes@eb.mil.br

Segundo Brasil (2016b) o reconhecimento é a missão empreendida para se obter informações sobre as atividades, instalações ou meios de forças oponentes, atuais ou potenciais, mediante a observação visual e o emprego de outros métodos ou para confirmar dados relativos à meteorologia, à hidrografia ou a características geográficas de uma área definida. Desta forma, é uma atividade limitada no tempo e no espaço.

A vigilância é definida como a observação sistemática do Ambiente Operacional, tendo por objetivo áreas, pessoas, instalações, materiais e equipamento, utilizando o auxílio de meios eletrônicos, cibernéticos, fotográficos, óticos ou acústicos, entre outros (BRASIL, 2016b). Como exemplo de missões, pode-se citar o monitoramento de eixos de progressão e/ou corredores de mobilidade, de possíveis posições de ameaças e de regiões de interesse para a Inteligência (RIPI).

A principal diferença entre as missões de reconhecimento e vigilância é que o primeiro pode ser limitado na duração da missão atribuída, porém é ativo na coleta de dados; enquanto a vigilância é sistemática, podendo ser passiva ou ativa na coleta dos dados, e exercida de forma contínua.

As frações não especializadas em Inteligência que possuem capacidade operativa e adestramento para realizar Reconhecimentos são os Pelotões de Reconhecimento Aeromóvel e de Montanha e o Pelotão de Exploradores. Porém, toda fração desdobrada na A Op necessita ter militares capazes de buscar e fornecer dados por meio de reconhecimento, patrulhamento, interação com a população local, exploração tática de uma área, questionamentos táticos, *debriefing* e relatórios de prisioneiros, nas diversas operações em que estejam sendo empregados (patrulhas, Postos de Bloqueio e Controle de Vias (PBCV), Postos de Bloqueio e Controle Fluviais (PBCFlu) e outras missões onde os militares irão interagir com a população local) (EUA, 2009).

3 Pelotão de reconhecimento do batalhão de infantaria leve de montanha

Segundo o Caderno de Instrução EB70-CI-11.435 (2020), o Pelotão de Reconhecimento do Batalhão de Infantaria Leve de Montanha, Pel Rec, é uma fração de grande flexibilidade, apta a executar tarefas que exijam técnicas especiais (Tec Esp) específicas do ambiente (Ambi) operacional de Montanha (Mth). Administrativamente é vinculado à Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap), porém seu emprego é subordinado ao planejamento conjunto do Oficial de Inteligência (S2) e do Oficial de Operações (S3) do BIL Mth.

De maneira geral, o Pel Rec é empregado para assessorar o comandante (Cmt) tático no planejamento e execução das Op em Ambi de Mth, através da coleta de informes sobre o inimigo e a A Op, além de prover limitada segurança às operações desenvolvidas. Pode, ainda, compor o Escalão de Reconhecimento e Segurança (ERS) nas operações de infiltração tática em Mth, conduzir tropas de qualquer natureza, possuidoras do Estágio Básico do Combatente de Montanha (EBCM) e equipar vias de escalada para transposição de obstáculos.

Alinhado com as demandas operacionais dos conflitos assimétricos de Quarta Geração, o Caderno de Instrução do Pel Rec Mth preconiza em sua doutrina o cumprimento de missões de Reconhecimento. A mobilidade reduzida, o Terreno compartimentado, a visibilidade limitada e as rápidas mudanças nas condições meteorológicas aumentam a importância das Op Rec em A Mth. A facilidade que o inimigo tem para ocultar suas Forças nesse

ambiente operacional exige que meios adicionais sejam empregados nessas operações. O reconhecimento do terreno assume, também, grande importância, em virtude da falta de detalhes nas cartas normalmente disponíveis.

4 Pelotão de reconhecimento do batalhão de infantaria leve (AEROMÓVEL)

O Pel Rec Aeromóvel (Amv) é uma fração dotada de grande flexibilidade, apta a executar tarefas que exijam a aplicação de técnicas especiais. Administrativamente está vinculado à Companhia de Comando e Apoio (CCAp) dos Batalhões de Infantaria Leve (BIL), porém seu emprego está diretamente subordinado ao planejamento conjunto do S2 e do S3 do BIL.

Segundo o Caderno de Instrução CI 7- 10/2 – Pelotão de Reconhecimento (2011), o Pel Rec, em função de seu adestramento e de seu material de dotação, possui algumas características, tais como: ser a fração mais apta para cumprir missões de busca de dados no âmbito da Unidade (grifo nosso); poder atuar em proveito de uma Companhia de Fuzileiros Leve (Cia Fuz L), sendo empregado sob o Comando da Unidade; preceder o assalto aeromóvel do BIL, sendo componente do Escalão Avançado, no qual tem por missão principal reconhecer, mobiliar e operar a Zona de Pouso de Helicópteros (ZPH); possuir excelente mobilidade em terreno restrito e sob condições de pouca visibilidade; operar independentemente de eixos de suprimento e de comunicações; e possuir homens dotados de elevada iniciativa e criatividade (BRASIL, 2011).

5 Pelotões de exploradores

O Pelotão de Exploradores (Pel Exp) é uma fração orgânica de Batalhões de Infantaria Blindados, de Regimentos de Carros de Combate e de Regimentos de Cavalaria Blindados.

É concebido, basicamente, para cumprir missões limitadas de reconhecimento, tais como o reconhecimento de itinerários de progressão, zonas de reunião, bases de fogos, posições de retardamento, passagens em cursos d' água e outros (BRASIL, 2002). Possui em sua composição 01 (um) grupo de comando e 02 (dois) grupos de exploradores. Por isso, como consequência de sua estrutura, é capaz de conduzir, também com pequena envergadura, operações de segurança e outras complementares tais como escolta de comboios, ligações, patrulhas, estabelecimento de PO, etc. Ressalta-se a necessidade desta fração atuar dentro do apoio cerrado, seja logístico, seja de proteção e fogos, de outras Unidades.

Suas possibilidades de emprego são: Reconhecer 01 (um) eixo, em situação normal, ou até 02 (dois) eixos, excepcionalmente; reconhecer uma zona de até 2 Km de frente; realizar escolta de um comboio de pequenas dimensões (10 a 25 viaturas); vigiar uma frente de até 3 (três) Km; estabelecer e manter até 04 (quatro) pontos de ligação; mobiliar e operar até 03 (três) Postos de Observação; solicitar e ajustar missões de tiro para elementos de apoio de fogo; realizar patrulhas; realizar a segurança de instalações de pequeno vulto; e controlar o trânsito em um eixo (BRASIL, 2002).

6 Influências doutrinárias

6.1 Soldado sensor

Tendo em vista a rápida capacidade de movimentação de tropas e de reorganização das frações no terreno, cresce de importância que o soldado das frações do corpo de tropa, que está na Área de Operações (A Op), seja capaz de coletar dados e transmitir o que obteve a quem seja útil. Portanto, ao realizar diversas tarefas e, após receber treinamento para ser um eficiente sensor na zona de ação em que está sendo empregado, o soldado coletará o máximo de dados possíveis e este potencial deve ser explorado em sua plenitude. Nesse sentido, a tropa deverá estar pronta para cumprir a missão sabendo o que coletar e como fazê-lo, pois improvisos podem comprometer a qualidade do dado a ser obtido, além de poder ferir os princípios da oportunidade e segurança (EUA, 2009). Nesse último caso, o soldado sensor deve possuir a mentalidade de contrainteligência para proteger a operação e a si próprio.

No intuito de bem desempenhar a tarefa de reconhecer, o soldado das frações do corpo de tropa deve possuir noções de técnicas operacionais, tais como: observação, memorização e descrição (OMD), entrevista, vigilância e reconhecimento, pois ajudam na obtenção de dados que atendam os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) (EUA, 2009).

6.2 Reconhecimento no Exército Norte-Americano

O Exército dos EUA demonstra na sua doutrina que as Operações de reconhecimento são de fundamental importância para subsidiar os decisores dos diversos níveis com a consciência situacional necessária, colaborando para a tomada da decisão no campo de batalha. Tais operações de reconhecimento devem responder aos Requisitos de Informações Críticas (CCIR), conhecidos na doutrina brasileira como os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI).

A doutrina norte americana estabelece fundamentos que norteiam as atividades de reconhecimento de suas Forças. Os importantes para este trabalho, pois criam pontes entre a atividade de reconhecimento por frações do corpo de tropa e o IRVA, são: a execução de reconhecimento contínuo para coletar informações sobre dispositivo, composição, valor, atividades recentes, peculiaridades (DICOVAP) do inimigo do terreno, e das condições meteorológicas, em todas as fases de uma operação, na qual esteja inserido; a orientação e reorientação dos objetivos a serem reconhecidos a fim de atender os EEI estabelecidos; e a informação com rapidez e precisão para que os comandantes nos diversos níveis possam tomar decisões tempestivas, crescendo de importância relatórios rápidos e quando o tempo permitir, conhecimentos formulados a partir da análise de um Estado-Maior ou de atividade especializada.

Devido o número de meios e capacidades operativas não orgânicas, mas que são empregadas junto às frações de exploradores e de reconhecimento é possível verificar a modularidade do exército dos EUA. Dessa forma, as frações de reconhecimento dos corpos de tropa desse exército ampliam e potencializam sua aquisição de dados, confecção e difusão de produtos de forma precisa e rápida, se integram ao conceito IRVA e assim,

contribuem de maneira oportuna para a criação da consciência situacional do decisor nos diversos níveis. Tudo isso, participando do ciclo de produção do conhecimento sempre reorientando o esforço de busca de acordo com o EEI.

6.3 Reconhecimento no Exército Espanhol

Conforme o manual OR5-007 Orientaciones, Seguridad, Reconocimiento y Exploración, as operações de reconhecimento do exército espanhol buscam, na A Op, informações sobre o inimigo, seus meios e dispositivo, terreno, condições meteorológicas, características da população civil e do ambiente aonde habitam. Tais dados são obtidos com a finalidade de fornecer ao decisor a correta consciência situacional, colaborando com o processo de tomada da decisão.

O reconhecimento realizado pelo exército da Espanha é direcionado para objetivos pontuais, limitados no tempo e empregado em ações específicas com a finalidade de obter dados para o emprego de tropas ou de garantir segurança, visto que dá o alerta quando da aproximação do inimigo.

As frações de reconhecimento do exército espanhol, quando há necessidade, são apoiadas por meios de observação não orgânicos, anteriormente expostos, e se integram ao sistema de inteligência, pois estão inseridas no conceito IRVA. Assim, ressalta-se a característica das tropas de reconhecimento espanholas de serem modulares, tendo essa particularidade sido batizada com o termo “*estructura operativa*” (GRECO, 2009).

6.4 Reconhecimento No Exército Francês

Segundo o manual Francês *FT 02 Tactique Generale*, o reconhecimento busca informações sobre o inimigo e o terreno que serão úteis às forças amigas. Esse ganho de consciência situacional tem um impacto significativo na percepção do dispositivo dessas tropas, bem como das suas possibilidades e no tempo necessário para executar as missões recebidas pelo escalão superior.

A doutrina francesa preconiza o movimento tático a fim de contribuir com a surpresa, por meio de aproximação pelos flancos ou retaguarda do inimigo. Este movimento visa a colocar as forças em posições vantajosas escolhidas para atacar o adversário em um ponto decisivo ou mesmo escapar da agressão inimiga. A velocidade é outra característica do movimento tático para impor o ritmo ao inimigo e executar o seu desbordamento ou envolvimento (DO NASCIMENTO, 2020).

Da observação da doutrina Francesa, infere-se que o reconhecimento é uma ação válida no contexto das operações desenvolvidas por aquele Exército. No combate moderno, marcado pelo ambiente de incertezas e pelas operações de amplo espectro, cresce de importância o conhecimento das capacidades do inimigo e de como ele se apresentará no teatro de operações, ressaltando a utilidade das ações de reconhecimento. Por fim, observa-se que o reconhecimento é uma ação essencial prevista na doutrina francesa. Com o objetivo final de obter informações sobre o inimigo e o terreno, o reconhecimento é referenciado nos manuais do exército de terra francês (*Armée de Terre*) como uma missão fundamental e indispensável para o êxito nas operações de qualquer natureza.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a complementar os estudos doutrinários relativos às frações de Rec do corpo de tropa como sensor de inteligência de combate, destacando-se os Pelotões de Reconhecimento e os Pelotões de Exploradores orgânicos das OM, bem como a complementação da doutrina para as frações dos corpos de tropa com o conceito “Soldado Sensor” (SS-2). A fim de sugerir novas capacidades operativas para os pelotões citados realizarem suas atividades de reconhecimento, o estudo centrou-se nas contribuições doutrinárias dos exércitos dos EUA, da Espanha e da França acerca do tema.

O Exército Brasileiro possui como frações de reconhecimento dos corpos de tropa os Pelotões de Reconhecimento dos Batalhões de Infantaria Leve de Montanha e Aeromóvel e os Pelotões de Exploradores dos Batalhões de Infantaria Blindados, de Regimentos de Carros de Combate e de Regimentos de Cavalaria Blindados. Apesar de pertencerem a Unidades de diferentes Armas, com diferentes missões específicas no combate, estão todos enquadrados na Função de Combate (F Cmb) Movimento e Manobra e contribuem com a F Cmb Inteligência.

Do estudo das frações de reconhecimento do Exército Brasileiro, é possível observar as seguintes características comuns: são empregadas em proveito de suas Unidades enquadrantes; durante os seus empregos, utilizam os seus meios orgânicos ou aqueles à disposição de suas Unidades; os objetivos a serem levantados durante o reconhecimento são fixados, visando atender os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI); podem buscar o contato com o inimigo como forma de obter o DICOVAP, porém não se engajam decisivamente no combate; devem estar em condições de realizar interrogatório de prisioneiros de guerra e de interagir com a população local caso sirvam como fontes de dados; e integram-se ao sistema IRVA, com a intenção de gerar dados precisos, relevantes e oportunos, criando consciência situacional, a fim de subsidiar de maneira tempestiva a tomada de decisão do comandante.

O conceito SS-2 vem ao encontro da necessidade de desenvolver a expertise no militar componente da fração de reconhecimento do corpo de tropa, no sentido desse ser capaz de realizar ações voltadas para a busca de dados úteis para a sua fração. Assim, é preciso que seja feita a correta fotografia do ambiente operacional no qual se inseriu, para então reportar de maneira fidedigna, precisa e rápida os elementos que viu ou viveu, com riqueza de detalhes fundamentais para uma correta interpretação. É observado que na maioria das vezes, são as observações dos elementos na ponta da linha (sem ter passado por processo de análise, uma vez que o tempo para a tomada de decisões no nível tático e operacional é curto) que subsidiam decisões de comandantes.

Portanto, este trabalho verificou que há a necessidade de se desenvolver e estimular a capacidade no Soldado do corpo de tropa, enquadrado em uma fração que realiza reconhecimento, de atuar como sensor individualmente e/ou enquadrado em uma fração para perceber ou buscar dados do Ambiente Operacional no qual é empregado. Para a consecução de tal objetivo (capacitar o soldado do corpo de tropa a atuar como sensor),

sugere-se a implantação de um “Estágio de Soldado Sensor”, a ser ministrado pela EsIMEx em todos os Comandos Militares de Área, garantindo a capilaridade e absorção do conhecimento de maneira sistemática por toda a Força Terrestre.

Estudando a composição, as características e a forma de emprego das frações de reconhecimento dos corpos de tropa dos exércitos norte americano, espanhol e francês, é possível observar que possuem em comum a modularidade. Tal capacidade possibilita à fração ser empregada em proveito de outra unidade à qual não está diretamente subordinada; aumenta a possibilidade de busca de dados, uma vez que, se for julgado necessário em planejamento, disporá de meios aéreos como SARP, aeronaves de asa rotativa ou fixa; preserva pessoal e meios de superfície no cumprimento da missão; gera dados precisos e relevantes no espaço da A Op; e, quando necessário, são apoiados/reforçados por elementos especializados em inteligência de sinais, imagens e humanas, gerando produtos de maior credibilidade que atendam oportunamente às demandas do comandante.

Tomando por base o exposto, resta concluir que os Pelotões de Reconhecimento e de Exploradores do Exército Brasileiro são frações dos corpos de tropa aptas a realizarem operações de reconhecimento úteis para suas frações enquadrantes. Apesar de fazerem parte do conceito IRVA, é observado que as informações geradas pelas frações executantes do reconhecimento são difundidas em parte para o escalão superior. A difusão seletiva dos dados gerados pela “ponta da linha” impede o aprofundamento do assunto por tropa especializada em inteligência, bem como que o escalão de análise produza conhecimento útil para os comandantes dos níveis operacional e estratégico. Considerando-se o exposto, fica caracterizada a quebra do ciclo da produção do conhecimento.

Por fim, sugere-se como forma de ampliar a sua capacidade de obtenção, objetivando contribuir efetivamente com o sistema IRVA e com o ciclo da produção do conhecimento, adotar a característica de ser modular, agregando, quando necessário, meios aéreos e especializados em inteligência em sua composição. Assim sendo, adapta-se uma estrutura de pelotão já consagrada no Exército Brasileiro, a fim de possuir maior utilidade no fluxo de informações, flexibilidade e efetividade de emprego, potencializando sua capacidade operativa em prol da Força Terrestre.

Referências

BRASIL. Exército Brasileiro. Centro de Instruções de Blindados. **Nota experimental de Instrução Técnicas, Táticas e procedimentos de Combate (TTP) Nível SU e Pel.** 3ª ed. Santa Maria, RS, 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. DECEX. **Funções de Combate.** Publicado em 21 de outubro de 2016a. Disponível em: <http://www.manobraescolar.decex.eb.mil.br/programas/88-funcoes-de-combate>. Acesso em: 13 de jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução: Assalto Aeromóvel e Infiltração Aeromóvel CI 90-1/1.1ª ed.** Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução: O Pelotão de Recolhimento do Batalhão de Infantaria Leve de Montanha EB 70 CI-11.435.** ed. Experimental. Brasília, DF, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução: Pelotão de Exploradores CI 17-1/1.** 1ª ed. Experimental. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução: Pelotão de Reconhecimento CI7-10/2.** 1ª ed. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e emprego da Inteligência Militar EB 70-MC-10.307.** 1ª ed. Brasília, DF. 2016b.

ESPAÑA. EJÉRCITO DE TIERRA ESPAÑOL. **Orientaciones, Seguridad, Reconocimiento y Exploración OR5- 007.** Granada: Mando de Adiestramiento y Doctrina. Madrid, ES, 01 juillet, 2003.

ESPAÑA. EJÉRCITO DE TIERRA ESPAÑOL. **Grupo de Reconocimiento PD4-202.** Granada: Mando de Adiestramiento y Doctrina. Madrid, ES, 2009.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters. Department of the Amy. **Reconnaissance and Surveillance Leader course 2E F173 011 – ASAI6B.** Fort Benning, 1ª. ed. EUA, 2009.

FRANÇA. Armée de Terre. Centre de Doctrine d'Emploi de Forces. **Tactique Générale FT-02.** Paris, 2008.

NASCIMENTO, Tiago Henrique Alves. **As operações de reconhecimento no combate moderno segundo os principais exércitos do mundo.** Escola de Comando e Estado - Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2020.